

Negociação depende de superávit, diz Dauster

O País quer saber, primeiro, quanto pode pagar este ano, afirma o embaixador

RIO — O embaixador extraordinário para a negociação da dívida externa brasileira, Jólio Dauster, informou ontem que enquanto o governo não acertar suas contas internas o Brasil não vai iniciar negociações com os credores internacionais nem chará ao País a missão do Fundo Monetário Internacional, que, em princípio, virá na primeira quinzena de junho. Ele disse que primeiro deve ser definido o superávit fiscal para 1990 e, em consequência, o total de recursos que o País poderá pagar aos bancos este ano.

Dauster embarca amanhã para os Estados Unidos, com a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, para participar de uma reunião do Conselho da Américas e de um encontro com os presidentes dos seis maiores bancos credores do Brasil. No encontro de terça-feira em Nova York, a ministra e o embaixador não pretendem detalhar nenhum tipo de proposta de negociação, mas procurarão convencer os banqueiros de que o País precisa de uma solução duradoura e estável para sua economia. Por isso, não se pode, na visão do embaixador, firmar acordos inexequíveis, como ocorreu no passado.



Sérgio Borges/AE-12/2/87

Dauster: encontro com banqueiros não é para detalhar propostas

As conversas que Dauster vem mantendo com técnicos que tiveram experiência na negociação da dívida externa brasileira, como o ex-ministro Bresser Pereira e o economista Paulo Nogueira Batista Júnior, não significam um ponto de partida para negociações, como têm interpretado alguns empresários ligados ao comércio exterior. Para esses empresários, o governo deveria tirar melhor proveito dos interesses comerciais no Brasil de empresas de países credores. Daus-

ter, contudo, considera difícil o País obter apoio dessas empresas contra os interesses dos banqueiros internacionais. "O setor financeiro é compacto, interligado e exerce seu poder com eficiência e coesão. Já os interesses comerciais no Brasil são muito dispersos e dificilmente unificados", argumenta. Em Washington, na segunda-feira, a ministra Zélia fará um pronunciamento, no Conselho das Américas, dirigido às maiores empresas da Costa Leste dos EUA com interesses na América Latina.